

Era apenas um lago na parte de trás da quinta. Nem era muito grande.

Lettie Hempstock dizia que era um oceano, mas eu sabia que isso era uma parvoíce. Ela dizia que elas tinham atravessado o oceano, desde a sua terra até àquele lugar.

A mãe dizia que a Lettie não se lembrava disso muito bem, e que tinha sido há muito tempo e que, de qualquer modo, a terra delas se tinha afundado.

A avó da Lettie, a Velha Sra. Hempstock, dizia que ambas estavam enganadas, e que o lugar que se afundara *na verdade* não era o país delas.

Dizia que a terra delas havia explodido.

## PRÓLOGO

Eu vestia um fato preto e uma camisa branca, gravata preta e sapatos pretos, perfeitamente engraxados e brilhantes: roupas que normalmente me faziam sentir desconfortável, como se fossem uma farda roubada, ou como se estivesse a fingir que era adulto. Mas, naquele dia, aquela roupa dava-me algum conforto, de certa forma. Estava a usar a roupa certa para um dia difícil.

De manhã, tinha cumprido o que esperavam de mim; tinha dito as palavras que supostamente devia dizer, e disse-as com sinceridade. E então, quando a cerimónia chegou ao fim, entrei no carro e pus-me a vaguear, sem direção, sem plano, com cerca de uma hora para matar antes de me encontrar com mais pessoas que não via há anos, para distribuir mais apertos de mão e beber demasiadas chávenas de chá na porcelana mais cara. Percorri as sinuosas estradas de terra do Sussex de que mal me lembrava, até que dei por mim a dirigir-me para o centro da cidade, pelo que decidi virar, ao calhas, para outra estrada. Voltei à esquerda e depois à direita. Foi só então que percebi para onde me estava a dirigir, e a minha tontice fez-me sorrir.

Estivera a guiar em direção a uma casa que não existia há décadas.

Pensei em voltar para trás, nesse momento, enquanto deslizava por uma rua larga que antes fora um caminho de pedras colado a um campo de cevada; em voltar para trás e deixar o passado em paz. Mas estava curioso.

A casa antiga, aquela em que vivera durante sete anos, dos meus 5 aos 12 anos, essa casa, tinha sido deitada abaixo, perdida para sempre. A casa nova, aquela que os meus pais haviam construído

ao fundo do jardim, entre os arbustos de azáleas e o círculo verde na relva a que chamávamos «o ringue das fadas», essa, tinha sido vendida há trinta anos.

Abrandei ao ver a casa nova. Para mim, seria sempre a casa nova. Avancei pelo caminho de entrada, observando a forma como haviam alterado a arquitetura original, de meados da década de 1970. Já não me lembrava que os tijolos da casa eram castanhos, da cor de chocolate. As pessoas que agora moravam ali tinham transformado a pequena varanda numa marquise de dois andares. Fiquei a olhar para a casa, recordando menos do que esperava dos meus anos de adolescente: nem coisas boas, nem coisas más. Morei naquele lugar, durante um tempo, quando era adolescente. Parecia não fazer parte daquilo que eu era agora, de forma nenhuma.

Entrei no carro e afastei-me.

Eram horas, sabia-o bem, de ir para a casa alegre e cheia de gente da minha irmã, todo bem arranjado e contido, como convinha àquele dia. Iria falar com pessoas cuja existência esquecera há anos e que me fariam perguntas sobre o meu casamento (falhado há uma década; uma relação que se fora desfazendo, lentamente, até acabar por completo, como parece acontecer com todas as relações), e se tinha namorada (não tinha; nem sabia ao certo se seria capaz, pelo menos por enquanto), e a seguir iam perguntar-me pelos filhos (todos tão crescidos, têm a vida deles, gostavam de poder estar cá hoje), pelo trabalho (a correr lindamente, obrigado, responderia eu, sempre sem saber explicar muito bem aquilo que faço. Se soubesse falar sobre o assunto, não teria de fazê-lo. Faço arte, por vezes faço arte à séria, e às vezes isso preenche os vazios da minha existência. Alguns dos trabalhos. Não todos). Falaríamos sobre o defunto; partilharíamos memórias do morto.

O pequeno caminho da minha infância tinha-se transformado numa estrada de alcatrão, e servia também para separar dois condomínios. Avancei, mais para a frente, para longe da cidade, ao contrário do sentido que devia estar a tomar, e isso fez-me sentir bem.

A estrada tornou-se cada vez mais estreita, mais sinuosa, até se converter no caminho que recordava da minha infância, feito de terra, cheio de buracos e de pedregulhos que mais pareciam ossos.

Daí a nada guiava, devagar e aos solavancos, por um caminho estreito, ladeado por arbustos de amoras e rosas espinhosas de ambos os lados, sem saber se iria dar a um avelanal ou a um beco sem saída feito de espinhos. Parecia que nunca tinha conduzido um carro na vida. Aquele caminho estava exatamente como me lembrava, quando tudo o resto parecia diferente.

Passei pela Quinta Caraway. Lembrei-me de ter apenas 17 anos, e de beijar a rosada e loura Callie Anders, que vivia ali, e cuja família acabaria por mudar-se para Shetlands. Nunca mais voltei a beijá-la ou a vê-la. A seguir, nada, a não ser campos, de um lado e do outro, durante cerca de um quilómetro: um emaranhado de prados. Aos poucos, o caminho tornou-se um trilho. Estava a chegar ao fim.

Lembrei-me dela antes mesmo de fazer a curva e de a ver, em toda a sua glória de tijolos vermelhos dilapidados: a quinta das Hempstocks.

Aquilo apanhou-me de surpresa, apesar de ter sido sempre ali que o caminho desembocava. Não podia avançar mais. Estacionei o carro à entrada da quinta. Não tinha qualquer espécie de plano. Pensei para comigo se, passados tantos anos, ainda viveria alguém ali, ou, para ser exato, se as Hempstocks ainda morariam ali. Parecia-me pouco provável, mas, por um lado, do pouco que me lembrava, elas eram pessoas pouco convencionais.

O fedor a estrume atingiu-me assim que saí do carro. Avancei, cauteloso, pelo pequeno pátio, em direção à porta de entrada. Procurei uma campainha, em vão, e resolvi bater à porta. A porta não estava fechada, pelo que se entreabriu com o embate dos meus dedos.

Já lá tinha estado, não já, há muito tempo? Tinha a certeza de que sim. As memórias de infância acabam por vezes cobertas e obscurecidas pelas coisas que vêm depois, como brinquedos de criança esquecidos no fundo de um roupeiro de adulto pejado de roupa, mas nunca se perdem para sempre. Fiquei ali parado, à entrada, e chamei:

— Boa tarde! Está cá alguém?

Não ouvi nada. Cheirava a pão acabado de fazer, a cera de madeira e a móveis antigos. Os meus olhos demoravam a adaptar-

-se à escuridão: espreitei pela porta, e estava prestes a voltar costas para ir embora quando uma mulher idosa apareceu, vinda da obscura entrada da casa, com um espanador branco na mão. Tinha um cabelo grisalho muito comprido.

— Senhora Hempstock? — perguntei.

Ela inclinou a cabeça para o lado, olhou para mim. — Sim. Eu conheço-te, jovem — disse ela. Eu não sou jovem. Agora já não sou. — Eu conheço-te, mas as coisas tornam-se difusas quando chegamos à minha idade. Quem és tu, ao certo?

— Creio que devia ter sete anos, oito, quando muito, da última vez que aqui estive.

Então ela sorriu. — Eras o amigo da Lettie? Do cimo do caminho?

— A senhora deu-me leite. Estava quente, acabado de sair das vacas. — E então apercebi-me da quantidade de anos que haviam passado e corriji-me: — Não, não foi a senhora, deve ter sido a sua mãe quem me deu o leite. Desculpe.

À medida que vamos envelhecendo, tornamo-nos nos nossos pais; basta viver algum tempo para começar a ver os rostos a repetirem-se no tempo. Recordo-me da Sra. Hempstock, a mãe da Lettie, como uma mulher corpulenta. Esta senhora era magra e frágil, e parecia delicada. Parecia a sua própria mãe, a mulher que eu conhecera como a Velha Sra. Hempstock.

Por vezes, ao olhar para o espelho, vejo o rosto do meu pai, e não o meu, e recordo-me da forma como ele sorria para si mesmo, ao espelho, antes de sair. «Estás bonito», dizia ele ao seu reflexo, com uma expressão aprovadora. «Estás bonito.»

— Vieste ver a Lettie? — perguntou-me a Sra. Hempstock.

— Ela está cá? — A ideia surpreendeu-me. Ela tinha *ido* para algures, não tinha? Para a América?

A velhota abanou a cabeça. — Ia agora mesmo pôr a chaleira ao lume. Queres uma chávena de chá?

Hesitei. Então respondi que, se ela não se importasse, primeiro preferia que ela me indicasse o lago artificial.

— O lago artificial?

Sabia que a Lettie lhe tinha dado um nome esquisito. Lembrava-me disso. — Ela chamava-lhe o mar. Ou qualquer coisa do género.

A velhota pousou o espanador na cómoda. — Não se pode beber a água do mar, pois não? É demasiado salgada. É como beber o sangue da vida. Lembras-te do caminho? Podes chegar lá contornando a casa. Basta seguir o trilho.

Se me tivessem perguntado uma hora antes, teria respondido que não, que não me lembrava do caminho. Acho até que não iria lembrar-me do nome de Lettie Hempstock. Mas ali, parado à entrada daquela casa, tudo começava a voltar a mim. As memórias tinham estado à espera, agarradas às arestas das coisas, a chamar por mim. Se me dissessem que tinha 7 anos outra vez, talvez acreditasse, por um momento que fosse.

— Obrigado.

Caminhei pela quinta. Passei pelo galinheiro, pelo velho celeiro e contornei as fronteiras do terreno, recordando o lugar onde estava, aquilo que se seguiria, e senti-me exultante com a ideia. A planície era recortada por avelaneiras. Arranquei um molho de avelãs, ainda verdes, e guardei-as no bolso.

*O lago é já a seguir, pensei. Basta contornar este barracão e vou vê-lo.*

Vi-o e, por mais estranho que pareça, senti-me orgulhoso de mim mesmo, como se aquele mero ato de recordação tivesse soprado algumas das teias de aranha do dia.

O lago era mais pequeno do que eu me lembrava. Havia um pequeno barracão de madeira ao longe e, junto ao caminho, um banco antigo feito de madeira pesada e ferro. As traves de madeira tinham sido pintadas de verde há uns anos, mas a tinta começava a descascar. Sentei-me no banco, e concentrei-me no reflexo do céu na água, na espuma formada pelas lentilhas-d'água, e na meia dúzia de nenúfares que flutuavam na água. De vez em quando, atirava uma avelã para o meio do lago, esse lago a que a Lettie Hempstock chamava...

Não era mar, pois não?

Lettie Hempstock seria mais velha do que eu, agora. Na altura, tinha apenas alguns anos a mais do que eu, apesar daquela sua maneira de falar esquisita. Ela tinha 11. Eu... que idade tinha eu? Foi depois da festa de anos má. Sabia disso. Pelo que devia ter 7.

Pensei para comigo se alguma vez teríamos caído na água. Será que a teria atirado para o lago artificial, àquela estranha rapariga que

vivia na quinta mesmo no final do caminho de terra? Lembro-me dela na água. Talvez ela também me tivesse empurrado.

Para onde teria ido? Para a América? Não, para a *Austrália*. Era isso. Um lugar qualquer muito longínquo.

E não era o mar. Era o oceano.

O oceano da Lettie Hempstock.

Lembrei-me disso, e, ao lembrar-me disso, lembrei-me de tudo.

## I

Ninguém foi à minha festa, quando fiz 7 anos.

Havia uma mesa posta, com gomas e doces, com um chapéu de festa a marcar cada lugar, e um bolo de anos com sete velas ao centro da mesa. O bolo tinha um livro desenhado, na cobertura. A minha mãe, que organizara a festa, contara-me que a senhora da pastelaria lhe tinha dito que nunca tinham posto um livro num bolo de anos; que normalmente os rapazes queriam bolas de futebol ou naves espaciais. Foi o primeiro livro deles.

Quando se tornou evidente que ninguém vinha, a minha mãe acendeu as sete velas do meu bolo e eu apaguei-as. Comi uma fatia do bolo, tal como a minha irmã mais nova e uma das suas amigas (ambas tinham vindo à festa como observadoras e não como convidadas), antes de desaparecerem, aos risinhos, para o jardim.

A minha mãe tinha preparado jogos para a festa, mas, como não estava lá ninguém, nem sequer a minha irmã, nenhum dos jogos foi jogado, e eu próprio desembulhei o papel de jornal que envolvia o presente do «passa ao outro e não ao mesmo», e que me revelou uma personagem do Batman de plástico azul. Estava triste por ninguém ter ido à minha festa, mas contente por ter uma personagem do Batman, e havia um presente de anos à espera de ser lido, uma série encadernada de livros da coleção «Nárnia», que levei lá para cima. Deitei-me na cama e perdi-me nas histórias.

Gostava disso. Os livros eram mais seguros do que as pessoas.

Os meus pais também me tinham dado o LP *The Best of Gilbert and Sullivan*, para acrescentar aos dois que já tinha. Adorava

Gilbert e Sullivan desde os 3 anos, quando a irmã mais nova do meu pai, a minha tia, me levou a ver *Iolanthe*, uma peça cheia de cavaleiros e fadas. Achei mais fácil compreender a existência de fadas do que de cavaleiros. A minha tia morreu pouco tempo depois, de pneumonia, no hospital.

Nessa noite, o meu pai chegou a casa, vindo do trabalho, com um caixote nas mãos. No caixote estava um gatinho de pelo macio de raça incerta a quem eu imediatamente dei o nome de *Fluffy*, e que amei incondicionalmente e com todo o coração.

À noite, o *Fluffy* dormia na minha cama. Eu falava com ele, às vezes, quando a minha irmã não andava por perto, meio à espera de que ele me respondesse na língua dos humanos. Isso nunca aconteceu. Não me importei. O gatinho era afetuoso, interessado e uma boa companhia para alguém cuja festa do sétimo aniversário tinha consistido numa mesa com biscoitos coloridos, um pudim, um bolo e quinze cadeiras vazias.

Não me lembro de ter perguntado aos meus colegas por que motivo não tinham ido à minha festa. Não precisava de lhes perguntar. Afinal, eles não eram meus amigos. Eram apenas as pessoas que frequentavam a escola comigo.

Fiz amigos aos poucos, quando os fazia.

Tinha livros, e agora tinha o meu gatinho. Seríamos o Dick Whittington e o seu gato<sup>1</sup>, tinha a certeza, ou então, se o *Fluffy* se revelasse excepcionalmente inteligente, seríamos o Gato das Botas e o filho do moleiro. O gatinho dormia na minha almofada, e por vezes esperava que chegasse da escola, sentado à entrada de minha casa, junto à vedação, até que, um mês depois, foi atropelado pelo táxi que trouxe o mineiro de opalas para minha casa.

Eu não estava lá quando tudo aconteceu.

Nesse dia, cheguei da escola e o meu gatinho não estava à minha espera. Na cozinha encontrei um homem alto, com umas pernas e braços enormes, pele bronzeada e uma camisa de xadrez. Bebia café na mesa da cozinha, senti o cheiro. Naquele tempo, não havia

---

<sup>1</sup> *Dick Whittington and His Cat* é um conto tradicional inglês do século XIV. (NT)

outro café a não ser café instantâneo, um pó amargo e escuro que se guardava num frasco.

— Parece que tive um pequeno acidente ao chegar cá — disse ele, todo contente. — Mas não há crise. — Tinha um sotaque seco, uma maneira de falar que me era pouco familiar: era o primeiro sul-africano que ouvia.

Também ele tinha um caixote pousado na mesa, diante de si.

— O gatinho preto era teu? — perguntou.

— Chama-se *Fluffy*.

— Pois. Como eu disse, pequeno acidente. Mas não te preocupes. Tratei do corpo. Não tens de te preocupar. Tratei do assunto. Abre a caixa.

— O quê?

Apontou para a caixa. — Abre — repetiu.

O mineiro de opalas era um homem alto. Vestia calças de ganga e camisa de xadrez sempre que o via, menos da última vez. Usava um fio de ouro grosso ao pescoço. Também esse desaparecera, da última vez que o vi.

Não queria abrir a caixa. Queria ir-me embora dali, sozinho. Queria chorar pelo meu gatinho, mas não podia fazê-lo se alguém estivesse por perto e pudesse ver-me. Queria fazer o meu luto. Queria enterrar o meu amigo ao fundo do jardim, a seguir ao ringue das fadas de relva tão verde, na gruta dos arbustos de rododendros, para lá do monte de relva cortada, onde nunca ninguém ia a não ser eu.

A caixa moveu-se.

— Comprei-o para ti — disse o homem. — Pago sempre as minhas dívidas.

Aproximei-me do caixote, levantei a tampa, a pensar para comigo se aquilo seria uma brincadeira, se o meu gatinho estaria ali dentro. Mas em vez do meu gato, um focinho muito castanho olhou para mim com uma expressão truculenta.

O mineiro tirou o gato da caixa.

Era um gato amarelo enorme e listrado, a quem faltava meia orelha. Fitou-me com um ar de fúria. Aquele gato não tinha gostado de ter sido fechado num caixote. Não estava habituado a

caixas. Estendi a mão para lhe dar uma festa, sentindo-me infiel à memória do meu gatinho, mas o bicho retraiu-se para que eu não lhe pudesse tocar, bufou e saltou para um canto da cozinha, onde ficou sentado, a olhar, furioso.

— Aí tens. Um gato em troca de outro gato — disse o mineiro, e afagou-me o cabelo com a sua mão de cabedal. A seguir, dirigiu-se para a entrada da casa, deixando-me na cozinha com o gato que não era o meu gato.

Ainda espreitou pela porta para dizer:

— Chama-se *Monstro*.

Aquilo parecia uma piada de mau gosto.

Abri a porta da cozinha, para que o gato pudesse sair. Depois, subi para o meu quarto, deitei-me na cama e chorei pelo *Fluffy*. Quando os meus pais chegaram a casa, nessa noite, acho que nem se mencionou o assunto do meu gatinho.

O *Monstro* viveu connosco durante uma semana, mais ou menos. Eu punha-lhe comida na taça de manhã e à noite, como fazia com o meu gatinho. Ele ficava parado junto à porta das traseiras até que eu, ou outra pessoa qualquer, o deixasse sair. Víamo-lo no jardim, deslizando de arbusto em arbusto, ou a trepar às árvores, ou a explorar a vegetação rasteira. Conseguíamos controlar os seus movimentos pelos abelharucos e sabiás mortos que íamos encontrando no jardim, mas era raro vê-lo.

Tinha saudades do *Fluffy*. Sabia que não se podia pura e simplesmente substituir um ser vivo por outro, mas não me atrevia a queixar-me aos meus pais. Iriam ficar perplexos com o sofrimento: afinal, o meu gatinho tinha morrido, mas também havia sido substituído. Os danos tinham sido reparados.

Voltava a lembrar-me de tudo, e mesmo enquanto as memórias regressavam, eu sabia que não seria por muito tempo: tudo aquilo que recordava, sentado no banco verde junto ao pequeno lago que Lettie Hempstock certa vez me convencera ser um oceano.